

Moysés VELLINHO

## José Veríssimo e o Purismo

Um dos pontos vulneráveis da obra de José Veríssimo vamos encontrá-lo, sem dúvida, num estilo pouco flexível e tantas vezes desajeitado. Mas desde logo cumpre reconhecer que ninguém deu maior importância à arte da palavra do que ele em seu longo roteiro crítico. Suas exigências quanto à legitimidade literária dos elementos do estilo pode-se dizer que estavam em constante vigília. Em face da ausência do ensino de literatura nos programas oficiais, ele chegou mesmo a admitir, neste particular, que a crítica assumisse certa função pedagógica (1). O cuidado que punha em preservar a pureza do estilo literário revestia, às vezes, aspectos inesperados, como, por exemplo, nos momentos em que se insurgia contra o escritor que se deixava contaminar por vocábulos de cunho científico (2). Em mais de um passo de seus estudos havemos de surpreendê-lo a crispá-lo todo diante de termos que traziam ainda viva a marca espúria de sua extração técnica. E se acontecia, a ele mesmo, violar a norma proibitiva, tinha o cuidado de abrir logo um parêntese para excusar-se... E' que a literatura, para ele, devia ter o seu verbo próprio, um verbo em que não houvesse lugar senão para as palavras que traíssem quanto possível a frescura das fontes populares ou carregassem consigo a palpitação do uso corrente (3).

Dava-se, porém, este fato digno de nota: o crítico, tão rigoroso nos seus preceitos sobre a estética da linguagem, e quase sempre tão justo e preciso nas suas reclamações, deixava-nos a impressão de que frequentemente trazia os ouvidos cerrados às suas próprias lições. Em verdade, José Veríssimo não logrou dominar a língua como desejava: faltava-lhe, infelizmente, o que tanto o seduzia em Eça de Queiroz e Machado de Assis — o dom da língua. Sua dicção vulgarmente não se recomendava pela fluência, pelo bom gosto, pelo tato literário. Salvo passagens ou tópicos não muito contraditórios, o estilo costuma sair-lhe um tanto pesado e incolor, sem as virtudes de forma que caracterizam os escritores de raça. Aliás, ele era o primeiro a reconhecê-lo, e o fazia com a humildade digna dos espíritos superiores. Num



de seus capítulos de crítica diz lisamente que “não tem a pretensão de conhecer a sua língua como devia, ou de escrevê-la como desejava, mas esforçava-se e trabalhava para ao menos provar o seu respeito por ela” (4). Não se pode afirmar que o resultado desse esforço se resolvesse sempre negativamente, mas a regra era que nos seus embates com a língua o crítico não costumava levar a melhor. Vem daí, talvez, sua extravagante descoberta de que falamos uma língua que não é propriamente a nossa... (5)

Mas a luta de José Veríssimo, apesar de recente imputação em contrário (6), não tinha por alvo atingir a perfeição pelos caminhos do purismo. E' exato que de um modo geral ele perseguia, na formulação de seu pensamento, na árdua construção de seus períodos, a precisão das formas escuras. Não se pode dizer, porém, que procurasse emparedar-se nos moldes estreitos e abafados do purismo. O uso e abuso de certos vocábulos fora de circulação, como “quejando”, “despiciendo” e outros, e bem assim o apelo a certas construções em que o relativo “cujo” e suas flexões aparecem através de uma sintaxe inteiramente revogada, e por fim a frequente anteposição do pronome oblíquo à negativa do verbo, são fatos que podem conduzir à ilusão de que José Veríssimo estivesse, a cada passo, transgredindo com o proverbial mau gosto dos gramáticos. Não devemos, porém, valorizar em demasia o que não passa de detalhe. Em seu conjunto, a obra do nosso crítico pode pecar por falta de beleza e fluidez em seu revestimento literário, mas não propriamente pelas superstições do purismo. E' possível que na sua preocupação de propriedade, nem sempre bem sucedida, ele aspirasse a escrever como um clássico, mas um clássico marcado pelo sentido da atualidade, isto é, um clássico que não fôsse um purista. Segundo o próprio José Veríssimo, o purista tem contra si necessariamente as forças da história, chegando a ser entre nós — e a expressão ainda é do crítico — “quase uma aberração” (7). O clássico, ao contrário, longe de estar a serviço da reação, representa o pleno domínio do estilo e sua perfeita correspondência com a linguagem contemporânea. Poder-se-á objetar que José Veríssimo frequentemente emprestava a ambas as expressões — “purismo” e “classicismo” — sentido idêntico. Quando, porém, foi preciso fazer a distinção, ele a fez com absoluta clareza (8).

O seu malestar contra o purismo reacionário, aquele que, após a eclosão camoneana, começou a travar a evolução natural do idioma, levou-o a confessar que foi apavorado que percorreu a “mata escura” dos velhos textos da língua (9), monumentos cobertos de poeira, essa poeira iner-

te em que os bons gramáticos costumam ciscar com a volúpia dos falsificadores. Eis uma raça que o crítico não perdoava: a raça dos gramáticos. Impermeáveis àquilo que com tanta riqueza de intenção ele chamava “a disciplina dos fatos” (10), os gramáticos indígenas eram, para ele, mais conservadores e até mais reacionários que seus confrades de Portugal (11). Quando Rui Barbosa e o professor Carneiro Ribeiro se travaram de razões por causa das emendas ao Código Civil, atirando um contra o outro, às toneladas, os mais contraditórios documentos clássicos, os quais, como sempre, fornecem “exemplos para todos os gostos” (2), José Veríssimo recolheu sua gravidade habitual e entrou a apupar impiedosamente os dois preclaros puristas em páginas e páginas da mais deliciosa verve. E foi num desabafo jovial que ele exclamou: “Para escritores ignorantes como eu, esta briga é um consólo. Como erram os mestres! Como ignoram os sábios!” (13)

Quanto às deficiências formais da obra de José Veríssimo, se não é possível desdenhá-lo, cumpre reconhecer, entretanto, que elas são de certo modo compensadas por um senso de disciplina interior que põe logo a descoberto o pensamento do crítico, sem quaisquer concessões aos vãos efeitos verbais a que com tanta frequência costumamos recorrer. Não sei, em verdade, se não seria impertinência exigir mais que isso do escritor infatigável, cuja condição de crítico militante o obrigava, ao longo de quase trinta anos, dia por dia, a descer aos jornais, para comentar sem prévia escolha os livros que iam aparecendo, tão pobres, em sua maioria, de substância literária.

Como quer que seja, apesar das contradições entre o que fazia e o que recomendava, com referência à linguagem, as observações que em seus comentários críticos lhe acudiam a respeito dos problemas do idioma, eram oportunas e cheias de sabedoria.

Ainda a respeito do purismo, ele achava simplesmente “irracional pretender que a língua aqui se conserve pura” (14), admitindo, portanto, a legitimidade das mutações impostas pelas condições naturais e culturais do novo meio. Guardando-se, porém, dos excessos, não tolerava que a língua, que é “o que há de mais legítimo e profundo na organização de um povo” (15), ficasse inteiramente “à mercê dos ignaros e iletrados” (16). Se de um lado, pela fatalidade de suas transformações, a linguagem evolui e se perfaz ao arrepiio dos gramáticos e de suas veleidades, por outro lado não deve ser entregue exclusivamente aos atropelos da incultura generalizada. Uma cousa é respeitar os fatos que se apresentam em conformidade com a linha fundamental de



evolução do idioma, e outra, muito diferente, é acolhê-los e fomentá-los no estado de anarquia e decomposição a que os reduzem, tantas vezes, os impactos da ignorância e do analfabetismo. Melhor fixando seu pensamento, José Veríssimo admitia que o desenvolvimento da língua é regulado por duas forças que se equilibram — uma progressiva, outra conservadora (17). E neste jôgo — observa ele — não há lugar para “restaurações arcaicas” e menos ainda para “imitações idiotas dos Castilhos e Camilos” (18).

E' que os chamados clássicos, aqueles que o foram de sua época, se convertem, com o tempo, em “modelos estacionários” (19). José Veríssimo disse e repetiu que a língua portuguesa, tanto em Portugal como no Brasil, era um instrumento ainda informe e despoliciado (20). Afirmou também que uma língua pura “seria um milagre tão grande como uma raça pura na ordem etnológica” (21). Dêsse modo, insurgia-se contra a pretensa fixidez da linguagem que falamos e contra o purismo recalcitrante. Mas nem por isso se precipitava na crença jacobina de que houvesse uma língua brasileira (22).

A atitude de José Veríssimo em relação aos problemas da linguagem era nitidamente liberal. O próprio estrangeirismo, desde que se afeioasse à índole do idioma doméstico, e respondesse a uma necessidade real de expressão, podia contar com sua cumplicidade (23).

Onde, então, as rabugices, as duras intolerâncias do purismo na obra do crítico? O que se conclui de tudo é que o autor da “História da Literatura Brasileira” guardou, em relação às questões da língua, a mesma posição de equilíbrio e de sábia equidistância que costumava manter em relação às idéias e sistemas. A verdade é que José Veríssimo não foi um purista nem pela forma nem pelo pensamento. E se evitava decalcar os clássicos portugueses, e fugia à terrível confusão em que tantos foram os que se extraviaram, é porque não desejava passar por um “produto monstruoso de má artimanha literária” (24).

- 
- 1 — “Estudos de Literatura” (3.<sup>a</sup> série — 1900), H. Garnier, Rio, 1903, pág. 272.
  - 2 — Idem (6.<sup>a</sup> Série), id., id., 1907, pág. 51.
  - 3 — Idem (4.<sup>a</sup> Série — até 1904), id., id., 1910, pág. 14.
  - 4 — Idem (5.<sup>a</sup> Série), id., id., pág. 102.
  - 5 — Idem (6.<sup>a</sup> Série), pág. 113; “História da Literatura Brasileira”, Livraria Francisco Alves, Rio, 1916, pág. 167.

- 6 — Joel Pontes — “O Aprendiz de Crítica”, Prefeitura Municipal do Recife, 1955, pág. 7 e seguintes.
- 7 — “Est. de Lit.” (5.<sup>a</sup> S.), pág. 102.
- 8 — Idem (6.<sup>a</sup> S.), págs. 72 e 75; “Hist. da Lit. Bras.” págs. 61 e 66.
- 9 — “Est. de Lit.” (6.<sup>a</sup> S.), pág. 83.
- 10 — Idem, id., pág. 87.
- 11 — Idem, id., pág. 93.
- 12 — Idem, id., págs. 114 e 126.
- 13 — Idem, id., pág. 120/121.
- 14 — Idem, id., pág. 81.
- 15 — Idem, id., pág. 68.
- 16 — Idem, id., pág. 67.
- 17 — Idem, id., pág. 51.
- 18 — Idem, id., pág. 81.
- 19 — Idem, id., pág. 78.
- 20 — “Homens e Cousas Estrangeiras” (1.<sup>a</sup> Série), H. Garnier, Rio, pág. 114; “Est. de Lit.” (5.<sup>a</sup> Série), pág. 102; Idem (6.<sup>a</sup> S.), págs. 993, 102, 103, 115).
- 21 — “Est. de Lit.” (6.<sup>a</sup> S.), pág. 84/85.
- 22 — Idem, id., pág. 84.
- 34 — Idem, id., pág. 122.
- 24 — Idem, id., pág. 51.